

ENUNCIÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E SUAS (DES) CONSTRUÇÕES CORPORAIS ¹

Eixo Temático-14 - Expressões de Gêneros e Sexualidades no Espaço da Escola

Dariana Maria Silvino ²

RESUMO

Amparadas (os) numa perspectiva de ensino em gênero que vem problematizar estruturas e papéis sociais impostos pela sociedade. Assim, o objetivo do artigo foi buscar compreender discussões em entorno de gênero e sexualidade a partir da vivência na disciplina gênero e sexualidade. Utilizou-se a pedagogia histórico-crítico, no estudo teórico, análise qualitativa, desenvolvendo interação via seminários, na plataforma digital como *Moodle*, atividades assíncronas, debate nos fóruns, comentários de trabalhos, pois o contexto de pandemia, aulas on-line é primordial criar estratégias de socialização das informações para integrar conhecimentos, fundamentar a articulação entre teoria-prática no campo educacional, possibilitando maior promoção do respeito a diversidade e igualdade.

Palavras-chave: Gênero, Educação, Sexualidade,.

INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios postos aos diversos feminismos, movimentos sociais, de mulheres, LGBTQIA+ na reivindicação de direitos, garantias. No combate ao sistema patriarcal- racista-capitalista em que penetra na consciência dos indivíduos devido á naturalização das relações de dominação e exploração que a alienação produz. [...] com isso, muitos indivíduos não percebem essas relações como tais [de dominação e exploração] ou, quando percebem, não acham possível alterá-las (CISNE, 2014, p.95).

Esses marcadores atuam sobre corpos, vidas, sobretudo das mulheres pobres, negras, na reprodução das discriminações, dominações pela condição de gênero, nas invisibilidades

¹ Parte das reflexões são vivências na disciplina cursada no mestrado em gênero e sexualidade da UFBA

² Bacharela em Serviço Social. Especialista em Educação e Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-PPGNEIM da Universidade Federal da Bahia - UFBA, e-mail: darinamaria@hotmail.com.br.

dos sujeitos, marcada por uma sociedade extremamente violenta, que traz um recorte de classe, raça, etnia, gênero. Se faz necessário pensar na interseccionalidade³ das opressões que são históricas, culturais, não algo natural, determinista, visto enquanto questão política nas construções de gênero, sexualidade, saúde, educação, e justamente passa pela transversalidade de análise.

Daí a necessidade de problematizar temas iguais a esse na universidade, instituições, grupos de estudos, pesquisa, extensão, na escola, nos diversos espaços de trabalho, instâncias da sociedade para implementação de políticas públicas no combate às desigualdades. Por isso trazemos como objetivo, fazer uma análise das discussões entorno de gênero e sexualidade a partir da vivência no campo educacional.

Para o percurso metodológico, foi utilizado como referencial teórico a pedagogia histórico-crítico, ao apontar estratégias em que se problematize discussões essenciais e talvez presente no cotidiano de diversos espaços de interação. Agregando o percurso ao subsidiar a reflexão teórica, vivência na referida disciplina cursada, análise qualitativa, desenvolvido interação por via seminários, nas plataformas digitais como *Moodle/Ava*, atividades assíncronas, onde se teve o espaço do debate de textos, comentários em trabalhos de colegas pelo uso de tecnologias, pois o contexto em que estávamos e ainda estamos vivenciando de pandemia, aulas on-line é primordial criar estratégias de socialização do conhecimento. Portanto, discutir tais questões nas escolas, em diversos espaços, na área da educação faz-se de suma importância, necessária em tempos de neoconservadorismo, para buscar tocar no respeito as diferenças, diversidades e as mesmas não sejam motivos para construções de desigualdades.

REFERENCIAL TEÓRICO

As diferentes sociedades vivenciam seus ritos, crenças, costumes, formas de ser, comportar. Se organizam a partir da cultura para compreender as tradições, normas, desigualdades, reproduções ou não a “padronização dos papéis do sexo” Mead (1971, p. 26) ao pensar as relações de gênero pelas hierarquias, a cultura se expressa seja nas vestimentas, menina usa rosa, menino azul, na divisão, separação do trabalho, há tarefas essencialmente feminina, outras masculina em determinadas sociedades, que também pode mudar, variar pela

³ Categoria analítica criada pelo feminismo negro. Ver: BILGE, Sirma. Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 8, n°. 3, 2018.

própria cultura, em algumas civilizações não seguindo essa imposição binária, dicotômica, eurocêntrica, ocidental⁴.

Existe diferenças pela condição do sexo, a uns “dão porte e dignidade” Mead (1971, p. 25) a outros (as), exclusões, mas que a diferenças não seja motivo para construções desiguais, discriminatórias, não conformismo de papéis definidos nas identidades de gênero⁵. Ao relacionar a mulher na sociedade Rosaldo (1979) dialoga no sentido de como a cultura e não apenas ela vem influenciar nas construções, relações de poder, sexualidade e orientações. Vindo refletir que a cultura pode ser maleável, mutável, questionável, construída, não pensando em algo unitário, universal, e sim, diferentes maneiras da mesma se apresentar seja relacionada ao gênero e sexualidade. O que é culturalmente aceitável para um sexo, pode ser negado ao outro, havendo uma forte relação de interferências e influências nas relações.

Bourcier (2012) atualiza as discussões feministas, dentro do contexto como de pensar gênero e feminismo. Apontando a visão tradicional ligada ao binarismo mulher/homem, envolvendo questões culturais, sociais, nessa relação, não existindo apenas uma forma para referir-se a gênero. Antes da aceitação, estudos acadêmicos, divulgação na sociedade, já se tinha o uso do termo por antropólogos, psicólogos.

Quando fala em gênero e sexualidade remete a macho/fêmea, relacionando ao sexo biológico, naturalização de papéis sociais construídos que não dão conta de compreender as diversas identidades de gênero possíveis. Então da crítica a heteronormatividade compulsória⁶, gênero enquanto categoria política, não pode ser separada da questão de raça, classe e sexo, para não cair na dicotomia feminino/masculino.

Pode-se concluir que as questões no campo do feminismo foram sendo substituídas como estudo de sexualidade pelos relacionados ao gênero, essa separação, pouco oferece de crítica para afirmar outras construções que não seja baseada na normatividade. Grossi (2010) refleti no sentido de ampliar as abordagens de gênero, constituindo num conceito aberto, polissêmico não apenas centrado em mulher/homem, mais sobretudo em conceito aberto, em construção.

Trazendo discussões no campo das Ciências Sociais e Humanas no contexto de COVID-19, ano de 2020 sobre gênero e sexualidade Costa et al (2020) há uma inter-relação,

⁴ Modelos que impõem formas de ser centrado em mulher/homem, menino/menina. Excluindo as diversas possibilidades de existência humana, de corpos e sujeitos.

⁵ É a maneira como se enxerga consigo, voltado mais para o campo subjetivo, pessoal, individual.

⁶ Sistema que impõe o poder dos homens, brancos e hetero como norma e leis a seguir, daí essa junção de estrutura para fundamentar as desigualdades seja de classe/gênero ou etnia (grifo nosso). Por isso, precisamos compreender como o patriarcado (e dentro dele o heterossexismo) e o racismo, conformam a formação das classes no Brasil, estruturando relações de opressão e exploração (Cisne e Santos, 2018, p. 109). Forma de agir, pensar e viver a orientação sexual em que tem como centro das relações ditas aceitáveis homem-mulher.

pontos comuns, evidência do aumento na violência doméstica e familiar no Brasil, passando pela divisão sócio-sexual-étnico e racial do trabalho Lobo (1991), desigualdade política, econômica, visto a pobreza ser feminina. Existindo profissões destinadas as mulheres: enfermeiras, assistentes sociais, psicólogas estando atuando na saúde, linha de frente, nos cuidados de crianças, idosos, afazeres da casa, pelo recorte de gênero, raça/etnia, classe. Nessa pandemia as mulheres negras ocupam, segundo as pesquisas⁷ os trabalhos informais, mais precários, com maior risco de adoecimento no e fora do trabalho.

Gênero, sexualidade são construções social, histórica, identitária de poder, sendo visível em papéis sociais, historicamente criados, porém não atribuindo essas diferenças há fatores naturais, condição física, mas situacionais, relacionais. A reflexão aqui apresentada não centra no conceito biológico, e sim abordando diversas maneiras possíveis de serem e viver na compreensão que gênero tem “duas partes e subpartes conectadas”, Scott (1989) portanto a autora afirma que “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21).

As novas interpretações de mulher (es), sexo/gênero, reflexões feitas por Linda Nicholson (2000) dialoga com novos significados para compreender as origens da subordinação, opressões, desigualdades de mulheres/homens quando afirma para abandonar, critica o falso determinismo, fundacionalismo, essencialismo biológico, que em determinadas sociedades a cultura produz novas roupagens seja para pensar a desconstrução, performance de gênero, nos lembra Butler (2003), ainda que com bases num corpo social. Desta forma desconstruí dos conceitos gênero, mulher e fala da distinção posta ao feminismo sexo/gênero. Lembra do marco binário, dualista homem/mulher para dar significados sociais a diferenças da natureza.

Ainda Nicholson (2000) aborda que gênero tem sido construído em oposição ao sexo, nesse sentido o primeiro seria visto com tudo que envolva o socialmente construído e o segundo ao biologicamente dado, imutável, acabado, determinista para explicar as diferenças entre mulheres/homens, demais maneiras de ser e de certo modo, não nega totalmente que as “constantes da natureza” de certa forma influenciem as “constantes sociais” Nicholson (2000) havendo uma tendência da sociedade para criar generalizações de certos aspectos da cultura, mas até a própria cultura pode ter novas modelagens, variar, a depender do contexto,

⁷ De acordo com o DIEESE, “o número de pessoas que perdeu postos de trabalho por causa da crise sanitária, entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, foi de 8,8 milhões. Desses, 71,4% ou 6,3 milhões eram negros: 40,4%, mulheres, 31%, homens.” Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2021/conscienciaNegra.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2022.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade
IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,

vivência, realidade social, aparece de forma diferente, por exemplo, em grupos de mulheres negras, da periferia, zona rural, comunidades indígenas, quilombolas vai existir determinadas opressões pela condição de serem mulheres, com recortes, diferentes das brancas, europeias, de classe.

Desde modo, entendemos “que essa subordinação é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente [...]. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupados” (PISCITELLI, 2002, p.2). Diria mais, como é entende o que é ser mulher, construções corpóreas, as sexualidades entendidas numa sociedade onde sujeitos e corpos fogem as regras e “dominação masculina” Bourdieu (2012). É preciso pensar em mulheres e outros sujeitos que fogem a heteronormatividade não enquanto uma unidade, sobretudo na diversidade de vivências, realidades, experiências, recorte de classe, raça-etnia, geração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazemos como breves resultados, a importância que a discussão propos no campo da formação profissional, docente, sobre as lentes de gênero, campo dos feminismos, sujeitos em processo de qualificação enquanto pesquisadoras (es) na área, saber lidar no dia a dia, na prática cotidiana temas como esse, da importância de perceber o gênero para além das masculinidades, feminilidades, corpos que fogem aos padrões convenhados socialmente e num dado tempo histórico, desconstruções de estereótipos, na forma de evidenciar categorias analíticas e sistematizá-las. Ajudando deste modo na construção de uma Ciência verdadeiramente feminista Sardenberg (2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos apontar alguns achados tanto do diálogo teórico como vivência ao cursar a disciplina, contribuiu de forma significativa no processo de qualificação, esclarecimento, maior aproximação das abordagens de gênero e feminismo ao permitir aos estudantes questionar, refletir sobre a realidade vivida, de como os papéis sociais são apresentados, as novas interpretações em torno de gênero, da sexualidade para além de corpo, ao trilhar os caminhos no horizonte de possibilidades, nas quais o ensino de gênero-sexualidade-educação toca em pontos cruciais. O futuro dirá qual tipo de sociedade queremos, que liberta, os limites, desafios, possibilidades, então lutemos por mudança. E o mesmo, nos espera, ao colocar em



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

prática no dia a dia, nas pesquisas, formação, militância aonde estejamos, os vieses na qual não queremos reproduzir, e sim questionar. Daí a prospecção da necessidade de se ter análises, em contextos diversos como zona rural, quilombolas, ribeirinhas, indígenas que traspasse os muros da academia e comunidade científica.

REFERÊNCIAS

BOURCIER, Sam. MOLINER, Alice. **Compreender o Feminismo**. Paris: Max Milo Edição, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. RJ: Editora Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, P. R. S. M.; MATOS, M.; SILVA, M. C. de O. Gênero: Violência, Raça e Trabalho. In: **Cientistas Sociais e Coronavírus**. GROSSI, M. P. TONIOL, R. (Orgs.). 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da ilha, 2020. 718 p.

CISNE, Miria. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

GROSSI, Miriam. Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (Versão revisada - 2010).

LOBO, Elisabeth Sousa. **O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho**. In COSTA, A. de O. & BRUSCHINI, C. (orgs.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: FCC, 1991.

MEAD, Margaret. O Significado das Perguntas que Fazemos. In: MEAD, Margaret. **Macho e Fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação**. Petrópolis: Vozes, 1971. Cap. 1. p. 23-35.

NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". **Estudos Feministas**, Vol. 8, Nº .2, 2000, pp, 9-41.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma revisão teórica. In: BAMBERGER, Joan; CHODOROW, Nancy; DENICH, Bette S.; ORTNER, Sherry B.; STACK, Carol B.; WOLF, Margery. **A Mulher a Cultura a Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Cap. 1. p. 33-64. Tradução de Cila Anker e Rachel Gorestein.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife, 1989, Mimeo. [Tradução: Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 07 abril. 2021.

SARDENBERG, Cecília Maria Barcellar. **Da Crítica Feminista a Ciência a uma Ciência Feminista**. Salvador, 2001, p.1-35.